



Fim das quotas põe em perigo refinadores

Em outubro acaba a **restrição europeia na produção de açúcar de beterraba**, que não existe em Portugal. Refinadores nacionais querem liberalização também na cana-de-açúcar

O fim das quotas, a partir de outubro, à produção europeia de beterraba sacarina bem como de isoglucose (açúcar líquido utilizado nos refrigerantes, produzido a partir de trigo e de milho) está a pôr em ponto de rebaço os refinadores de açúcar nacionais, por isto comprometer a viabilidade das empresas do setor em Portugal.

A associação do mercado, que inclui Sidul e RAR, quer que haja também liberalização na importação de rama de cana-de-açúcar, por considerar que está em posição desigual devido aos elevados custos da matéria-prima e ao aumento da concorrência da beterraba sacarina. Em Portugal, este é um cultivo que desapareceu, culminado com o *lay off* em julho de 2016 da única empresa do setor, a DAI, e que foi objeto de análise no estudo do economista Augusto Mateus (ver caixa).

Na prática, o acabar das quotas significa que os beterrabeiros podem produzir e comercializar livremente qualquer volume de açúcar, diluindo os custos fixos e o preço de uma matéria-prima que tem vindo a perder consumidores e procura, devido a estilos de vida mais saudáveis e ao agravamento dos impostos, nomeadamente nas bebidas açucaradas. "O açúcar de beterraba está liberalizado enquanto o de cana-de-açúcar está com o acesso restrito, porque está sujeito a quantidades e a preços", sustenta Francisco Avillez, presidente da Associação dos Refinadores de Açúcar de Portugal (ARAP), que representa a Sidul e a RAR.

Este responsável esclarece que não está contra o fim das quotas, nem a associação a que preside, porque o problema não está na liberalização do mercado da beterraba mas na discriminação dos refinadores, que só podem importar ramos de cana-de-açúcar de determinados países. "É uma luta difícil de vencer, até do ponto de vista de aliados. O interlocutor é o Ministério da Agricultura, que não tem muito interesse, por a cana-de-açúcar ser um produto importado", argumenta Francisco Avillez.

Luís Cabral, professor de Economia na Universidade de Nova Iorque e especialista em concorrência, sustenta que nesta questão há dois lados da moeda. "Não têm concorrência [os refinadores] e vão passar a ter, o que limita as suas margens, e por outro lado os refinadores têm razão quando dizem que há desigualdade de tratamento", refere o economista.

Na Europa, o açúcar é produzido a partir da cana-de-açúcar e da beterraba sacarina, sendo esta a que tem mais peso, com cerca de 1,5 milhões de hectares da União

Europeia dedicados à cultura da beterraba, nomeadamente nos solos dos climas frios do Norte da Europa. A nível mundial, no entanto, cerca de 80% da produção de açúcar tem origem na cana-de-açúcar, característica dos climas tropicais. "Até ao 25 de Abril, a cultura de beterraba nem sequer era permitida (em Portugal) por causa das colónias", acrescenta Francisco Avillez.

"A questão da Política Agrícola Comum e das limitações aduaneiras são jogos de interesse entre grupos restritos de agentes, neste caso os produtores de beterraba, enquanto os custos estão dispersos por um grande número de agentes, que são os consumidores", argumenta, por seu lado, Luís Cabral, salientando a França como o maior beneficiado. "É o país onde historicamente está mais concentrada a produção de beterraba e onde esse lóbi tem muita força", justifica o professor da Universidade de Nova Iorque.

Gonçalo Anastácio, sócio especialista em concorrência da SRS, considera que o impacto do fim das quotas tenderá a esbater-se na cadeia vertical até chegar ao consumidor. "O grande impac-

to será a nível dos produtores e refinadores, e deverá passar a haver maior pressão competitiva e mais importação dentro da União Europeia", argumenta o advogado.

Portugal e Reino Unido são os dois países europeus mais ligados à cana-de-açúcar por questões históricas relacionadas com o colonialismo, situação comum também à França, que, no entanto, acabou por desenvolver a cultura da beterraba, que hoje tem mais força no país, segundo o presidente da ARAP. Também a Alemanha, além da França, sai beneficiada com o fim das quotas, por ter um peso grande no negócio do açúcar de beterraba.

Dos 330 milhões de toneladas de açúcar produzidos anualmente em Portugal, cerca de 100 milhões são para exportação, nomeadamente para Espanha. "O nosso consumo interno é de 280 milhões de toneladas e tem vindo a diminuir", avança Francisco Avillez. Para produzir o açúcar refinado são necessárias as ramas de cana-de-açúcar, cuja importação para a Europa se mantém com as regras inalteradas. A associação argumenta que, a partir de 1 de outubro, os beterrabeiros podem produzir e comercializar livremente qualquer volume de açúcar, enquanto os refinadores estão limitados à importação de rama de países com acordos preferenciais, como Brasil, Cuba e Austrália, aos quais são obrigados a pagar uma taxa alfandegária de €98 por tonelada. Valor que sobe para €339 por tonelada quando o país em causa não tem acordos preferenciais. Fora da UE, no mercado mundial, as taxas aduaneiras para a rama da cana-de-açúcar são mais baixas: €276 por tonelada, de acordo com os dados fornecidos pela ARAP.

Questionado sobre a hipótese de a indústria nacional de refinadores (composta por Sidul e RAR) se adaptar à beterraba, Francisco Avillez explica que isso "é impossível e não é rentável, corresponde a fazer uma unidade industrial nova". O responsável avança que não vão desistir e que a ARAP vai continuar a fazer lóbi junto da União Europeia e de Portugal. "Com a saída do Reino Unido [da União Europeia], que tem sido um grande apoio, fica mais difícil", explica Francisco Avillez. "Estas alterações normativas no sector têm dado causa a muita litigância e não vão cristalizar no dia 1 de outubro. A questão não é tecnicamente de concorrência desleal, mas sim de auxílios de Estado, e é nesta sede que se irá jogar a evolução do regime nos próximos anos", remata o advogado da SRS.

CATARINA NUNES
cnunes@expresso.imprensa.pt

PORTUGAL

Beterraba inviável

"A inviabilidade da reintrodução da cultura da beterraba sacarina é a conclusão a retirar face ao argumentário exposto ao longo deste documento", conclui o estudo- parecer do economista Augusto Mateus, sobre a produção de açúcar de beterraba em Portugal. De acordo com o estudo, divulgado em maio, o relançamento da cultura da beterraba sacarina não tem qualquer adicionalidade ao nível industrial, "uma vez que Portugal tem atualmente capacidade excedentária na produção de açúcar". À data de publicação do estudo, Augusto Mateus já referia que a abolição das quotas iria alterar bastante o quadro da produção de açúcar. "Num mercado em contração e marcado pela crescente concentração em torno dos países mais competitivos (entre os quais não figura Portugal) e de um número muito limitado de empresas, criando um mercado oligopolístico, por um lado, e uma indústria em Portugal a laborar abaixo de metade da sua capacidade de produção, as pressões sobre a dinâmica e a competitividade dos operadores da refinação de açúcar de cana em Portugal têm sido expressivas", sustenta.



O açúcar de beterraba está liberalizado, enquanto o de cana-de-açúcar está com o acesso restrito

FRANCISCO AVILLEX
Presidente da ARAP

São jogos de interesses entre grupos restritos de agentes, neste caso os produtores de beterraba, enquanto os custos estão dispersos por um grande número de agentes, que são os consumidores

LUÍS CABRAL
Professor de Economia na Universidade de Nova Iorque

A questão não é de concorrência desleal, mas sim de auxílios de Estado

GONÇALO ANASTÁCIO
Advogado especialista em concorrência





BASF
We create chemistry
www.basf.pt

KELLY
Search & Selection
kellyservices.pt

OPINIÃO

Sopa de feijão em Luanda

JOÃO DUQUE E8

Mercados pouco prudentes

JEFFREY FRANKEL E39

A relação esquecida entre produtividade e desertificação
JOSÉ PEDRO PONTES E36

PESSOAS

Paulo Gomes

Novo diretor de IA e Machine Learning da Critical Software E35



Dicas Como preparar uma mudança de carreira E35

100% Corretora
85% Mais barata

€ 1.000 BCP
€ 0,90
€ 7,84*

*Preço médio de 7 outras corretoras, veja degiro.pt/precario

DE GIRO Conecte a Investir em degiro.pt

ECONOMIA IMOBILIÁRIO & EMPREGO Expresso 2344 29 de setembro de 2017 expresso.sapo.pt

Isabel dos Santos reforça poder na Sonangol

- ➔ Eduardo dos Santos alterou modelo de gestão deixando filha como presidente executiva
- ➔ Entrada de portugueses alvo de críticas E6

CUF investe €35 milhões em dois novos hospitais

A José de Mello Saúde vai alargar a sua rede hospitalar com duas novas unidades em Leiria e Coimbra até 2019. Os novos projetos do grupo marcam uma aposta na expansão geográfica e na região Centro. E16

Novos portos vão custar €2,5 mil milhões

Ministra do Mar inicia roadshow internacional para captar investidores em novos terminais. E12

FIM DE QUOTAS NO AÇÚCAR AMEAÇA SECTOR Refinadores nacionais querem liberalização na cana-de-açúcar porque produção europeia de beterraba sacarífera deixa de ter limitações a partir de outubro E17

€1,7 MIL MILHÕES

Foi quanto valeu o mercado das casas de luxo em Portugal em 2016 E23

CRESAP não 'chumbou' nenhum gestor este ano E8

SALÁRIOS DISPARAM COM SINDICATOS O prémio salarial nos sectores sindicalizados situa-se entre os 15% e os 61%. É nos sectores protegidos da concorrência e de renda elevada que os sindicatos focam a sua ação E13

Dia decisivo para o futuro do Novo Banco E9



SAVOY QUER HOTEL NO CAIS DO GINJAL, EM CACILHAS

A sexta unidade dos hotéis Savoy pode ser construída na margem sul do estuário do Tejo. Além do hotel, também está prevista a construção de 330 habitações, na mesma zona, para 693 habitantes E24



Daniel Bessa

GLOBALIZAÇÃO

O período de maior crescimento da economia mundial alguma vez observado ocorreu no início do presente milénio. Foi também um período de grande abertura das economias. Nos seis anos entre 2002 e 2007 (em 2008 inicia-se a crise do subprime), a economia mundial cresceu à taxa de 4,6% ao ano; e o comércio mundial, exportações e importações, à taxa de 10,6% ao ano, arrastando o crescimento de toda a economia. É certo que este crescimento foi muito desigual. A Ásia foi a principal beneficiária: a Índia cresceu, nesse período, à taxa de 7,8% ao ano, valor que sobe, na

Multiplicam-se, por todo o lado, o nacionalismo e o protecionismo. No final, estaremos todos pior

China, para 10,4%. De qualquer modo, os chamados países desenvolvidos cresceram à taxa de 2,4% ao ano; e se alguns, de que Portugal é um caso quase extremo, cresceram muito pouco (0,9% ao ano, em média, no sexénio), a responsabilidade terá de encontrar-se mais nas decisões tomadas internamente do que nas condições externas prevaletentes — sem prejuízo de mais tarde, nos anos da *troika*, termos encontrado nas exportações a tábua de salvação que amenizou um esforço que, de outro modo, teria sido muito mais violento. A crise da última década mudou drasticamente este *modus vivendi*. Multiplicam-se, por todo o lado, o nacionalismo e o protecionismo. O comércio mundial cresce muito mais lentamente, arrastando em baixa o crescimento de toda a economia. Há quem pense que pode ser um caminho. No final, estaremos todos pior. Nós, portugueses, uma pequena economia de baixo nível de rendimento, por maioria de razão.